

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CULTURA VISUAL: UMA EXPERIÊNCIA TEÓRICA, PRÁTICA E EDUCATIVA

Jociele Lampert - UDESC
Carolina Ramos Nunes - UDESC

RESUMO

O texto refere-se ao processo de formação inicial em Artes Visuais, nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado e Cultura Visual da Universidade do Estado de Santa Catarina, e propõe tessitura sobre a reflexão de práticas educativas diante da proposta da Cultura Visual. Por meio de projetos e subprojetos desenvolvidos nestas disciplinas, foi possível o redimensionamento do olhar para a ação do ser/estar artista/professor/pesquisador de forma crítica e efetiva.

Palavras-chave: Cultura Visual, Prática Pedagógica, Artes Visuais.

ABSTRACT

The text refers to the initial training in Visual Arts, in the disciplines of Supervised Curricular Training and Visual Culture at the University of Santa Catarina, and proposes weaving about reflection on educational practices, considering the proposal of Visual Culture. By means of projects and subprojects developed in these disciplines, it was possible the resizing of to look at the action to be an artist / teacher / researcher in a critical and effective form.

Key words: Visual Culture, Pedagogical Practice, Visual Arts.

É indiscutível que há diferenças entre a Arte que se ensina na escola e o sistema de Arte (galerias, museus e instituições culturais). É visto que ainda há uma dicotomia entre o que se ensina nos cursos universitários de Artes Visuais e o que a Educação Básica pressupõe como conteúdo. A escola impõe uma disciplina (muitas vezes evidenciada por uma prática polivalente e um sistema cartesiano) que evidencia não uma qualidade, mas uma quantidade, onde também insiste em modelos de 'como' ensinar exigindo metodologias pautadas em abordagens puramente teóricas que pouco contribuem para o cenário de uma discussão pautada no cotidiano de quem aprende – e quando acontece casos de uma prática vinculada ao contexto recorrem a essas teorias, torna-se evidente o deslocamento e o esforço do docente.

Por sua vez, a Universidade, entre meandros políticos e entraves burocráticos, tem por função desconstruir e ressignificar tais eixos teóricos, ou modelos de

representação para o ensino, pesquisa e extensão, mas de fato trabalha com a construção e elaboração de um pensamento abstrato que deve ser referenciado e evidenciado em um processo criativo e colaborativo.

O que de fato é necessário para um curso de formação docente em Artes Visuais? Necessita-se, sobre tudo, de um olhar que vincule uma prática artística contemporânea a uma educação contemporânea, em meio à compreensão crítica. Seriam práticas que são evidenciadas por articulações entre territórios ou áreas de conhecimento que se tocam e trocam entre si possibilidades de um processo educativo vinculado ao contexto, sem deixar de abordar o conteúdo (seja teórico ou prático). Assim, não se trata de reforçar uma cultura hegemônica, mas sim desconstruir referenciais pré-estabelecidos, trata-se de impulsionar formas colaborativas de olhar para o Outro, para o seu próprio contexto, inserindo conteúdo de Arte.

Este texto apresenta tessituras que desenvolvi em minha Tese do Doutorado, defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP em 2009. A partir dos estudos da tese intitulada “Arte Contemporânea, cultura visual e formação docente”, minha prática educativa como docente no ensino superior foi redimensionada, visto o eixo sobre a Cultura Visual, a formação inicial em Artes Visuais e os estudos sobre Arte Contemporânea.

Como professora titular na disciplina de Cultura Visual do Departamento de Artes Visuais, do Centro de Artes – CEART / Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, venho tendo a oportunidade em colocar em prática metodologias de ensino pautadas sobre os estudos da Cultura Visual.

Ao longo de 2008 impulsionei os estudantes do curso de Licenciatura do Departamento de Artes - DAV/CEART/UDESC, vinculados às disciplinas de estágio curricular supervisionado a estudarem textos que não estariam diretamente ligados à prática educativa – textos sobre subjetividade, moda, corpo, sociedade do espetáculo – mas sim, tratavam-se de textos oriundos de um conteúdo subjetivado à prática educativa. Sendo este o primeiro passo a inserir reflexões no âmbito da Cultura Visual entre os acadêmicos.

Já em 2009, foi a primeira vez que o curso de Licenciatura em Artes Visuais do CEART/UEDESC ofereceu aos estudantes uma disciplina especificamente sobre Cultura Visual, onde se pode elaborar melhor o conceito de professor/artista/pesquisador.

Quando planejei este espaço curricular, elaborei projetos poéticos e projeto teóricos, vinculados por meio do processo criativo, para refletir sobre a formação do artista/professor/pesquisador (que é um dos objetivos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do CEART/UEDESC, conforme o Projeto Pedagógico). Parti da pesquisa educacional baseada em Artes Visuais e dos textos de Eliot Eisner¹.

Dois critérios podem ser desenvolvidos a partir deste ponto: primeiro, a pesquisa baseada em Artes poderá estar envolvida com uma finalidade freqüentemente associada com a atividade artística (a pesquisa baseada em Artes está destinada a realçar as perspectivas pertencentes a certas atividades humanas). Segundo, a pesquisa baseada em Artes poderá estar também definida pela presença de certas qualidades estéticas ou elementos de design que introduzem o processo de investigação e o “texto” de pesquisa. Embora estes elementos sejam evidentes em toda a atividade de pesquisa educacional, quanto mais declarados estes forem, mais a pesquisa pode ser caracterizada como baseada em Artes.

No entanto, tradicionalmente, a pesquisa educacional é conduzida com a finalidade de se chegar a um conhecimento que é altamente válido e confiável, tão confiável e fidedigno quanto possível. Entretanto a pesquisa em *Art-based educational research* - *ABER* não aponta para uma busca por exatidão. Sua finalidade, ao invés disto, pode ser descrita como o ato de enfatizar perspectivas, ou seja, não oferece argumentos sobre como proceder diante dos confins de um encontro educacional ou de um episódio de produção de políticas. Ao invés de isolar a discussão sobre as pré-suposições incorporadas dentro de um projeto de pesquisa, ela se move para ampliar e aprofundar conversações contínuas sobre a política e prática educacional chamando atenção para noções aparentemente de senso comum, tomadas como verdades.

Não compreendo a formação acadêmica de artistas/professores/pesquisadores em um formato tradicional, até porque o que se

pretende em uma educação contemporânea, penso, seja a ‘formação’ de profissionais inventivos/criativos capazes de transgredir a realidade em que vivem, assumindo-se como um sujeito contemporâneo que produz Arte, ensina Arte e pesquisa sobre e em Arte.

Entendo que a forma de articulação entre o professor/artista/pesquisador deve ser pontuada em eixos de reflexão prática (com exemplos concretos, mas sem modelos ou parâmetros), assim a construção poética da realidade em que a prática educativa se desenvolveu baseou-se na percepção da compreensão crítica da Arte, pontuados por registros visuais, registros de áudio/*soundscapes* do espaço da escola e da comunidade, mapeamentos, observações, entrevistas/narrativas, assim como, gostos, gestos, vivências, afetos e desafetos que permeiam a elaboração da formação docente. Buscar compreender como se pauta a percepção no espaço educativo da escola – entendendo que o contexto faz parte da reflexão sobre a articulação do conteúdo – foi o ponto norteador para a pesquisa-ação realizada no Doutorado. Partindo das observações e do exercício de *soundscape* (áudios coletados em escolas da rede pública de Florianópolis - SC) e entrecruzando com textos temáticos, propus aos estudantes que elaborassem projetos de estágio para que fossem desenvolvidos e postos em prática nas escolas, com vistas ao objeto da Cultura Visual. Ou seja, articulação direta entre o conteúdo e contexto, observação direta da comunidade onde a escola está inserida e mapeamento de quem é esta comunidade que se faz presente na escola.

Na disciplina de Cultura Visual, estudei juntos aos professores em formação inicial textos que buscaram a inter-relação entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento instaurado, e nos deparamos com apontamentos sobre a *a/r/tografia*, conforme Irwin (2008). A *a/r/tografia* é uma metáfora para: *artist* (artista), *researcher* (pesquisador), *teacher* (professor) e *grafia* significam escrita/representação. Desta forma, a *a/r/tografia* é uma representação que paira sobre o texto escrito e a imagem visual produzida enquanto momentos de hibridização.

Assim, com a *a/r/tografia* foi possível saber, fazer e realizar os projetos poéticos e os projetos teóricos. Os estudantes formaram grupos (por afinidade ou interesse nas propostas lançadas). “Alquiler temporário” (era a proposta para um *site*

specific) e “Foto *Picnic*” (foi um projeto idealizado para fazer com que os artistas/professores/pesquisadores pudessem vivenciar o contexto de produzir e ensinar Arte). A proposição inicial era que cada grupo pudesse e tivesse autonomia para desmembrar e deslocar o seu projeto. O projeto passaria a ser assumido pelo grupo como um trabalho artístico independente da disciplina. A condição ou exigência que fiz: a realização da ação poética, o registro visual da mesma e um texto curatorial/educativo produzido posteriormente e apresentado em aula. Meu objetivo: inter-relacionar teoria, práxis e poética. Entendendo que a teoria poderia servir de base para um processo de mediação ou projeto educativo da ação prática – assim também, teoria e prática não seriam mais dicotômicas e sim estariam em um âmbito dialógico.

Antes dos estudantes elaborarem seus esboços e projetos tivemos a vivência de um projeto poético aberto com um artista convidado especificamente para a disciplina. Tom Lisboa, artista visual curitibano, proferiu uma palestra sobre seu trabalho plástico e propôs uma ação poética em formato de ‘laboratório’ (que foi realizado no calçadão da cidade de Florianópolis em maio de 2009, sendo organizado por estudantes). A proposição da narrativa de um artista teve fundamentação no conteúdo e processo da disciplina, onde eu como professora escolhi e convidei o artista bem como realizei a tramitação burocrática na Universidade. Desde contato inicial, ao convite, as definições sobre o projeto realizado, a organização do material de divulgação, dos textos divulgados na mídia e toda a logística para que o laboratório fosse realizado – tudo ficou aos cuidados de um grupo de acadêmicos da disciplina.

Este artista propôs aos estudantes momentos de sociabilidade em meio ao contexto urbano, bem como realizou um ‘descondicionamento’ do olhar em instâncias perceptivas, pois os indivíduos que participaram desta ação poética foram solicitados a olhar com mais atenção para ‘detalhes’ da paisagem que antes não seriam percebidos – além do mais o trabalho foi registrado por ‘polaróides’ (pranchas de papel onde os artista/professores/pesquisadores escreviam seus direcionamentos), direcionamentos este que pressupunham diferentes formas de ver o mundo, perceber detalhes, modos de sentido, ou produção de sentido com o que antes não era visto ou vivenciado. Desta forma, os artistas/pesquisadores/professores instauram práticas de exploração social, ou

extraem formas do que antes não se tinha contato. Ao final desta prática urbana todos foram convidados a realizar o percurso escolhido e verificar os apontamentos e percepções descritas nas anotações das polaróides.

A produção artística contemporânea poderá integrar em um só tempo, reflexão teórica e prática artística acerca de uma das modalidades de Arte Contemporânea – que mais tem se destacado nos debates em circuitos artísticos e culturais atuais: Arte Pública/Estética relacional, pois incorpora as tensões, fluxos e mediações ocorridas nas fronteiras entre espaço público e privado, entre ética e estética, entre individual e coletivo, entre memória e imaginário, tendo a potência da cidade como lugar de experiência, atuação crítica e criativa. Conforme a artista visual e pesquisadora Lilian Amaral (em *workshop* proferido no CEART/UEDESC em 2009)², referindo-se à Arte Relacional:

Esta arte convoca artistas, coletivos de artistas e a população para interagir, por meio de pensamentos, ações e atitudes simbólicas sobre os/nos espaços públicos, re-significando a experiência urbana cotidiana. Os significados de uma obra ou ação artística são construídos no encontro entre a subjetividade daquele que a propõe e a subjetividade de cada um daqueles que ativamente a tomaram para si. No entanto, no momento em que a proposição começa a tomar forma e o momento em que é ativada, por um e por outro sujeito, deve haver um desejo de alcance público. Quando se decide apresentar publicamente o resultado ou o processo de um pensamento é porque se acredita que ele pode ser pertinente para outros. E não somente para aqueles com quem sabidamente nos entendemos e freqüentemente nos encontramos, mas também para outros com quem compartilhamos coisas que talvez ainda não tenham nome.

Em outro projeto poético, o “Foto *Picnic Cover*” foi o ato de reunião para comer (a idéia de contraposição com um *Picnic* idealizado de forma romântica), bem como o trabalho de elaboração de pesquisa de outros artistas e ações que também tivessem o eixo ‘alimentação’ ou similaridades. Usou-se como referência plástica para este projeto o trabalho “AlimentAÇÃO” de Paulo Bruscky, no qual o artista simula comer o próprio corpo através de poses para fotos e intervenção na revelação, realizando um ensaio ou foto/performance. Usaram também referências em seu texto curatorial sobre o movimento antropofágico e reflexões sobre a História da Arte.

Desde o começo dos anos 1990 uma quantidade cada vez maior vem interpretando, reproduzido, reexpondo ou utilizando produtos culturais disponíveis ou obras realizadas por terceiros. Conforme o pensamento de Bourriaud (2009), essa

Arte de Pós-produção corresponde a uma multiplicação da oferta cultural, que poderá propiciar abolir a distinção, tradição entre produção e consumo ou criação e cópia.

Esta pós-produção não se utiliza de matéria prima, mas sim de um substrato social já existente – os artistas instauram ou transitam entre a apropriação de formas, repertório de conceitos e poéticas, transcendência de autonomia artística, manipulação de trabalho imaterial. A confluência de espaços ocorre quando a percepção torna-se um exercício de confronto entre diferentes sistemas e sentidos. Essas tensões produzem a necessidade da criação de um campo poético. Assim o indivíduo pode até basear-se em uma visão singular, no entanto é do (e com) encontro com o Outro que surge a rede de significação, ou de afetos, como aponta Amaral (2008).

Durante o ano de 2009, partindo da prerrogativa de ter um espaço virtual para armazenar os trabalhos dos estudantes, e tendo como parceiro o site www.artistasvisuais.com.br, idealizei e criei o espaço para pesquisa em Cultura Visual. É um espaço virtual que oferece a qualquer sujeito a possibilidade de postar imagens, textos, vídeos e links sobre assuntos que relacionem Artes Visuais e Cultura Visual.

No site www.artistasvisuais.com.br/culturavisual é possível ter acesso à produção textual dos alunos da disciplina Cultura Visual (CEART/UDESC), resenhas e textos curatoriais, e também encontrar registros fotográficos das ações urbanas, bem como links que apresentam trabalhos de outros artistas. Entendo que há muito a desenvolver nesse espaço virtual, não podendo ser apenas um espaço para registro de imagens, mas sim uma referência para pesquisas na área.

Em 2010/2011, desenvolvi projeto de pesquisa e extensão intitulado “Imagens do Mar”, neste projeto foram entrevistados vários pescadores da região da ilha de Florianópolis – SC e registrada diversas imagens que verificam o que é a imagem do mar na cidade de Florianópolis. O intuito desde projeto é formatar um material educativo para professores usando o documentário realizado. Não com o intuito ao registro necessariamente da atividade pesqueira, mas sim refletir como o espaço e o tempo desta atividade derivam da construção histórica e imaginária da cidade.

O projeto tem por objetivo discutir a experiência social e cultural do ver, ressaltando seus impactos na formação de identidades e subjetividades. As imagens, como eixo de articulação de significados e sentidos sobre quem somos, como nos vemos, como vemos o outro e como operamos no mundo, são temas a serem debatidos e elaborados com vistas a compreender e explorar seus usos e funções na formação escolar dos indivíduos.

Dando continuidade a pesquisa, foram desenvolvidos subprojetos na disciplina de Cultura Visual, vinculados ao tema imagens do mar, objetivando que os projetos desenvolvidos pelos professores em formação inicial tivessem articulação entre o conteúdo de Artes Visuais e o contexto da comunidade.

O grupo foi, a priori, nutrido de diversas abordagens teórico práticas relacionadas com a proposta, a fim de que os subprojetos a serem desenvolvidos possuíssem fundamentação, objetivos e justificativas viáveis e condizentes com a Arte Educação e Cultura Visual. Para tanto, os textos de Nicolas Bourriaud (2003), da Revista Arte & Ensaio da Universidade Federal do Rio de Janeiro – número 10, permitindo uma primeira conversa com o termo artista/professor/pesquisador, onde esta reflexão seguiu ao longo de todo o semestre, principalmente durante a intervenção artística, onde o contato com a comunidade os levou a reavaliações sobre educação em Artes Visuais fora do âmbito acadêmico.

Por meio de entrevistas e questionários, foi possível mapear as relações diante do saudosismo, comercio, lazer e indiferença diante das atividades pesqueiras. Ao utilizar-se destas cartografias, proposições artísticas específicas direcionaram-se para espaços comuns utilizados pela comunidade, de forma que a intervenção permeasse os olhares e relações com a Arte e a pesca, referenciando a atividade de pesquisa, educação e Artes Visuais.

Desta forma, o “Programa de extensão Cultura Visual e Escola”, se propôs e ainda propõe a realizar projeto e eventos, vinculando-se a extensão no Bairro da Lagoa da Conceição, tornando-se elemento articulador para discussão que permeia quem somos, onde vivemos e o que produzimos. Nesta perspectiva a Arte é vista como produção cultural e é abordada em meio à produção artística da pintura e mostra de vídeos que envolvem as imagens no mar, presente no entorno do sujeito.

Considerando o alargamento, a vitalidade e a pregnância dessas práticas artísticas e educativas por meio de projetos, a Cultura Visual discute impactos e implicações das experiências de ver e ser visto na contemporaneidade. Conforme experiências citadas, é perceptível que a Cultura Visual relaciona-se como campo de estudo emergente e transdisciplinar que se fundamenta no princípio de que as práticas do ver são construídas social e culturalmente.

Em todos os projetos, as imagens foram tanto fonte de pesquisa, quanto fruto de práticas artísticas com a comunidade, assim tornou-se perceptível as singulares relações sociais e culturais pautadas em uma construção individual e coletiva dos participantes tanto ativos quanto passivos do processo e projeto.

Como reflete Anna Maria Guasch, citando Mitchell, (*apud* BREA, 2005, p. 64), o campo da visualidade não é um produto desconexo a realidade social, mas sim construído ativamente, de forma que as interpretações das imagens cedam seu espaço em favor da autoridade e efeito das imagens.

“Se se considera que a visão é um modo de expressão cultural e de comunicação humana tão fundamental e tão generalizado como a linguagem (e em nenhum caso reduzível e explicável segundo o modelo da linguagem, do signo e do discurso), de fato se deduz que a cultura visual não se alimenta somente da interpretação das imagens, se não da descrição do campo social do ver. O fundamental da visão é que a usamos para nos ver, não para olhar ao mundo, e além disso não somente para nos olhar, mas para sermos vistos por isso.”

Portanto, seria o significado cultural que possibilita ou implica em leitura e práticas metafóricas sobre a imagem, pois imagens são tecidos sociais, significados culturais, produção de sentido e percepção de um pensamento visual real e imaginário. Ao olharmos a Arte encontramos um tecido composto por significações que necessitam ser entendidas no espaço escolar.

Para que isto ocorra, é necessário, antes de tudo, que o próprio professor teça um olhar crítico e estético sobre a realidade. Ao compor uma trama ou rede o professor de Arte percebe as relações em que as imagens ultrapassam o que é visível. Isto é, o olhar do professor é estabelecido pelas relações sociais entre as pessoas, mediadas por linhas de imagens ou conteúdo e contexto articulado.

Para tal, é viável que pensemos sobre o que é uma imagem. Ou ainda, como pensar a imagem das coisas e a imagem de nós mesmos. Conforme Novaes (2005,

p.11), “o desvelar de uma imagem está na própria etimologia da palavra *theoría*. Derivada da fusão de *théa* (“visão”, “olhar”) e *ora* (“desvelo”)”. Desta forma, para tecer um olhar crítico-estético, precisamos pensar em atos que levem à compreensão. “Se não sabemos ver, é certamente porque a visibilidade não depende do objeto apenas, nem do sujeito que vê, mas também do trabalho de reflexão: cada visível guarda uma dobra invisível que é preciso desvendar a cada movimento.”

O princípio de um pensamento crítico instaura-se no movimento entre olhar e questionar a imagem, refletir sobre as relações no âmbito sócio cultural em que se inserem tais representações visuais e nas relações interpessoais que a imagem pode suscitar.

Não se trata daquele mero olhar contemplativo, extasiado pela sensibilidade do artista ou pela imponente beleza da obra. Trata-se sim de um olhar reflexivo, um olhar que vai além da imagem, é aquele olhar questionador / indagativo que constrói significado e sugere ou pressupõe do professor um olhar inventivo – que imagem me provoca? Ou de onde devo partir?

O ato de tecer um olhar crítico-estético possibilita a formação de um professor coerente, que volta a sua consciência ao contexto social do aluno. Conforme Campos (2002, p.97):

A sociedade precisa de professores que aprendam, compreendam e mediem conhecimento, o que implica processos de ensino “abertos” para os contextos sociais, porque um sistema educacional comprometido estético e criticamente com seu tempo, na concepção de Heller (apud THUMS, 1999, p.94) passa através da apropriação do mundo: quanto mais aprendo, melhor assimilo e uso os objetos que estão fora de mim.

Assim, o caminho da construção da formação docente através do contexto ético-estético torna-se real necessidade em uma proposta que abarque a compreensão da Cultura Visual. Isto significa reconhecer que vivemos em um mundo inundado por imagens e imaginários visuais, e ao aproximar os sujeitos do objeto, propicia a construção de conhecimento na sociedade regida pela imagem (desde que esta situação seja mediada pelo professor).

Através desse ponto se permite uma reflexão diante da criticidade do ser. Ver as idéias nas imagens é apenas o começo que o mundo imaginário exige de um

sujeito contemporâneo, pois a imagem começa a partir do momento em que não se vê mais aquilo que imediatamente é oferecido no suporte material. E se pensarmos a Arte em meio a um “hibridismo cultural”, conforme Burke (2003) propõe, torna-se necessário que reflitamos sobre objetivos e práticas que se misturam. É neste contexto que a confluência entre Arte e Cultura pode contribuir, não somente para contextualizar, mas para instaurar uma significação que dá sentido à imagem que o aluno da escola percebe. Assim, o olhar do professor implica o olhar de seus alunos.

Deste modo, é enfatizada a aprendizagem significativa da imagem que mobiliza um ensino da Arte de forma multicultural, pois podem ser abordados vários códigos que contemplem a diversidade cultural. A compreensão de uma imagem faz com que um conhecimento crítico se instaure e através deste conhecimento construído o indivíduo signifique seus valores e saberes.

Ao ensino da Arte cabe uma educação que aborde temas interculturais de forma polidisciplinar e multimidiática. Tendo em vista este pensamento, é necessário que pensemos a aprendizagem na Cultura Visual como correspondente a uma relação entre a construção da subjetividade individual e a construção social da compreensão.

Diante do processo da formação inicial de professores, esta acaba acontecendo efetivamente muito além dos espaços acadêmicos, onde a relação entre e com a comunidade juntamente com a interiorização dos conhecimentos dispostos ao longo dos anos de estudos são significativos para uma melhor compreensão da atividade docente.

Reafirmo a importância da composição de tramas culturais e imagéticas, de forma que estas permitam a articulação entre os saberes do artista/professor/pesquisador, não de forma abstrata, mas concreta e próxima a sociedade, de forma que esta seja reflexo e construção dos saberes.

Entretanto, algo que é importante salientar seria a sempre presença de dois campos de estudos, as Artes e a Cultura Visual, ambos relacionando-se no espaço escolar, só que neste lugar, as Artes são a disciplina, onde a Cultura Visual serve de referências para permear as relações entre o cotidiano. O estudo da Cultura Visual

não substitui as Artes e vice versa, ambos são coexistentes no espaço da Academia, em literaturas e na formação docente, seja inicial ou continuada.

Durante o processo de experiências entre ser docente e formação inicial de docente, há uma trajetória que inclui erros e acertos, mas o principal é a existência desse espaço para reflexão da atividade docente, onde se há possibilidade de inter-relações de saberes, possibilitando uma discussão mais recheada de um leque expandido de fundamentações teóricas e práticas.

NOTAS

¹ Desenvolveu pesquisa sobre a ABER (Art-based educational research) em cursos de Pós-Graduação na Stanford University entre os anos 70 e 80.

² Workshop “interterritorialidade e processo de criação” (junho de 2009), CEART/UEDESC. Mais informações sobre o evento em <http://simposioartesvisuais.blogspot.com.br/>.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lilian; BARBOSA, Ana Mae [orgs]. **Interterritorialidade**: mídias, contextos e educação. São Paulo: Editora Senac São Paulo : Edições SESC SP, 2008.

BREA, José Luis. **Estudios visuales**: la epistemología de la visualidad en la era de la globalización . Madrid: Akal, 2007.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

CAMPOS, Neide Pelaez. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

IRWIN, Rita. **A/r/tografia**: uma mestiçagem metonímica. In: BARBOSA, Ana Mae;

NOVAES, Adauto (Org). **Muito além do espetáculo**. SP: Editora Senac, 2005.

<<http://simposioartesvisuais.blogspot.com.br/>> acessado no dia 20 de março de 2012.

< <http://www.artistasvisuais.com.br>> acessado no dia 20 de março de 2012.

< <http://www.artistasvisuais.com.br/culturavisual>> acessado no dia 20 de março de 2012.

Jociele Lampert – Professora Titular na UEDESC. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP na Linha de Pesquisa de Ensino da Arte. Mestre em Educação PPGE/UFSC - RS (2005) na

Linha de pesquisa Educação e Artes. Bacharel (ênfase em pintura - 2003) e Licenciada (2003) em Desenho e Plástica pela UFSM - RS. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Arte, Educação e Cultura (GEPAEC/UFSM/2006), diretório CNPq.

Carolina Ramos – Acadêmica do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - cursando a sétima fase, e bolsista de Iniciação a Docência do projeto Cultura Visual e Pintura, orientado pela Profª Drª Jociele Lampert.